

ÀS MARGENS DO PENSAMENTO DE MARX, POR UM MARXISMO ANTICOLONIAL

JÉSSICA NUNES DA SILVA¹

UFRGS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-3914-6907>

RAQUEL SANTOS FRANCKINI²

UFRGS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-2008-577X>

RESENHA

ANDERSON, Kevin. **Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

Tão incontáveis quanto persistentes, as críticas a certo caráter intrinsecamente eurocêntrico, universalista e homogeneizante direcionadas ao pensamento de Karl Marx encontram hoje um entrave. Trata-se da publicação de *Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais*, obra de Kevin B. Anderson, que chega ao Brasil no ano de 2019 pela Boitempo Editorial. Entrave, na medida em que o extensivo e rigoroso trabalho de Anderson (2019) nos conduz a um desvelamento preciso dos escritos de Marx sobre sociedades pré-

¹ Doutoranda em Antropologia Social (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: jessica.bolsista@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: leditbe14@gmail.com

capitalistas e não-ocidentais, como meio e argumento para contrapor tais críticas.

Assim, é sabido que no bojo de tradições de pensamento pós-modernas e/ou pós-coloniais, por exemplo, alude-se frequentemente à obra de Marx traços supostamente distintivos e, conseqüentemente, limitantes: menções a um determinismo econômico e eurocentrismo inerente, à preconização da categoria de classe (em detrimento de raça, gênero, nacionalidade, dentre outras) e/ou à tomada do Ocidente como referência em suas análises acerca das dinâmicas contraditórias do Capital, para citar apenas retóricas correntes. Dos círculos acadêmicos à esquerda dos movimentos sociais, esse escopo de argumentação encontrou forte ressonância, consolidando-se em teorizações irreduzíveis e motivando debates acalorados. Precisamente por essas razões (e mesmo que não esteja balizando-se especificamente por elas), o aporte fornecido por Anderson (2019) em *Marx nas Margens* prova-se necessário e decididamente incontornável.

Nas páginas que se seguem são destacados os elementos de maior relevo nesta exposição, da metodologia ao produto final de seu compilado – desvendando, junto ao autor, o modo pelo qual o pensamento de Marx conflui de premissas unilineares (por vezes calcadas em uma noção eurocêntrica de progresso), em direção a leituras multilíneas de diferentes movimentos históricos, atentas a heterogeneidade dos processos que ocorrem a partir das/nas *margens*, e que nos permitem reivindicá-lo, ao final, enquanto um *teórico global*. Como um movimento inicial, vale grifar dois aspectos bastante centrais, que diferenciam e alocam o trabalho realizado em *Marx nas Margens* dentro de um escopo específico de reflexões sobre a obra e pensamento de Marx.

O primeiro deles refere-se à metodologia. Conforme Guilherme L. Gonçalves bem sintetiza em sua apresentação ao livro, "o objeto de Anderson não é o marxismo, mas Marx" (p. 9). Esse detalhe importa, e torna-se nítido ao longo dos seis capítulos que compõem a obra. Neles, alcançamos integral e progressivamente o desenvolvimento (ou "evolução", para citar o autor) do pensamento de Marx acerca de problemas, eventos e teorizações costumeiramente deslocadas daquilo que se pode julgar ser o ponto nevrálgico, *canônico*, de sua crítica máxima. Para tornar isso possível, Anderson (2019) parte da segunda *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA²), esquadrinhando textos jornalísticos, manifestos para a Internacional, cartas e cadernos (alguns deles inéditos) que continham anotações e reflexões de Marx sobre sociedades não ocidentais, nacionalismo e questões de viés étnico e racial.

Alinhado a tal premissa emerge nosso segundo aspecto de destaque: o "cânone marxiano" e suas respectivas transformações. Ao trabalhar com as fontes listadas anteriormente, o autor remete-se a materiais que estão, eles próprios, *à margem* dos escritos de Marx – e, por conseguinte, da tradição marxista que se desenvolve em uma notória multiplicidade de direções e sentidos. Do modo como opera na relação com suas fontes primárias, Anderson (2019) segue no sentido de (i-)

adensar e alargar o entendimento em torno deste cânone; e (ii-) reivindicar o desvelamento da imagem de um Marx *multilinear*. Ambas as premissas se traduzem em sua defesa de “uma noção de Marx adequada ao século XXI” (p. 40). Veremos agora como pode se dar essa adequação.

Em seu primeiro capítulo, intitulado *Encontros coloniais na década de 1850: o impacto europeu na Índia, na Indonésia e na China*, Anderson (2019) destaca o desenvolvimento do pensamento de Marx, do “apoio qualificado” ao colonialismo europeu, em direção a uma perspectiva bastante crítica de seus desdobramentos nocivos e possibilidades de emancipação dos povos colonizados. Nesse sentido, por desenvolvimento, leia-se então o notável aprofundamento da compreensão de Marx, tal como se desvela no decorrer da década de 1850, acerca das dinâmicas de expansão do colonialismo ocidental e seus impactos geopolíticos em países da Ásia.

Partindo dos escritos jornalísticos de Marx publicados no *New York Tribune* a partir de 1853, Anderson (2019) inicia suas considerações apontando para a perspectiva reconhecidamente eurocêntrica endossada naquele momento por Marx e Engels – cuja primeira e polêmica referência dá-se no *Manifesto Comunista*, em 1849. E é também a partir de 1849 que Marx passa a dedicar sua atenção para sociedades não ocidentais, razão pela qual vale destacar a necessidade de se percorrer o tecido teórico marxiano, seguindo para além da menção elogiosa sobre o colonialismo contida no *Manifesto* – responsável, em boa medida, pela cristalização de uma imagem da obra de Marx como sendo intrinsecamente etnocêntrica.

Os escritos de Marx de 1853 sobre a Índia foram, nesses mesmos termos, objeto de profundas controvérsias e incisivas críticas. Dentre estas, destacou-se aquela proferida por Edward Said em *O Orientalismo* (1978), que enfatiza a noção de um *progresso necessário* atribuída por Marx ao imperialismo britânico na Índia. O que Anderson (2019) busca enfatizar é justamente a mudança efetiva na concepção de Marx acerca do tema, à medida em que o filósofo alemão passa a identificar as contradições inerentes ao caráter supostamente *progressista* do colonialismo. Analisando desde eventos como o Levante dos Cipayos na Índia (1857) e as guerras do ópio na China, até aspectos da estrutura política em Java, inverte-se também o argumento inicial endossado no *Manifesto Comunista*: tomando os colonizadores britânicos por “bárbaros”, Marx se distancia de evocações ao caráter “civilizado” de seus domínios, métodos ou resultados.

No segundo capítulo, intitulado *Rússia e Polônia: a relação entre emancipação nacional e revolução*, Anderson (2019) segue se dedicando a analisar as mudanças no pensamento de Marx, sobretudo no que tange à Rússia. Notamos como, no início da década de 1850, os escritos de Marx são balizados por um entendimento unidimensional, retratando a Rússia como sendo uma potência fundamentalmente contrarrevolucionária. A partir de 1858, momento em que se amplificam os temores de uma contestação revolucionária no país, sua perspectiva modifica-se e segue na direção daquilo que futuramente viria a se

consolidar enquanto uma compreensão multilinear da realidade social, pautada pela correlação entre emancipação nacional e revolução.

Conferindo importante destaque à luta do povo polonês para restaurar sua independência nacional, Marx apoiou fortemente a causa polonesa³, compreendendo-a enquanto uma contradição interna específica dos impérios Russo, Prussiano e Austríaco. Situando a emancipação nacional polonesa no centro da política revolucionária europeia, nos escritos a partir de 1860 já é possível vislumbrar as relevantes mudanças em sua concepção: se antes a independência da Polônia era lida como consequência da revolução proletária, agora Marx passava a encará-la como uma condição para o desenvolvimento do movimento de trabalhadores. Conforme argumenta Anderson (2019), a articulação entre lutas nacionais e de classe estava decididamente presente nas elaborações de Marx deste período.

Alinhado a isso, em *Raça, classe e escravidão: a Guerra Civil como segunda revolução americana*, são enquadrados textos de Marx acerca da Guerra Civil Americana (1861-1865), tópico através do qual a intersecção entre raça e classe foi amplamente debatida pelo autor. Apesar disso, observa Anderson (2019), além de não terem tido maior repercussão dentro da literatura marxista, estes escritos foram objeto de discordância: ora lidos em termos de um suposto alinhamento de Marx a ideias liberais da época, ora tomados como estando de fora do “cânone”. Na contracorrente de tais indicações, Anderson (2019) opta por ressaltar a dialética entre raça, classe e escravidão apreendida por Marx no curso do desenvolvimento de sua crítica máxima ao capitalismo.

Assumindo uma posição marcadamente abolicionista, Marx refletiu sobre a correlação direta e indissociável entre a escravidão e a exploração capitalista, pautando, inclusive, o racismo dos trabalhadores brancos nos EUA. E o fez travando fortes divergências com Engels, que discordava do caráter revolucionário conferido por Marx à guerra e às lutas pela abolição da escravidão – ao final, a síntese de sua posição acerca do tema é reiterada por Anderson (2019). Em uma carta de 1866 a François Lafargue, Marx concluiria: “*Os trabalhadores do Norte haviam finalmente entendido muito bem que o trabalho de pele branca não pode se emancipar onde o trabalho de pele negra é marcado a ferro*” (p.183-184). Trata-se de uma importante e reconhecida constatação, que também se faria presente n’O *Capital*, em 1867.

Já no quarto capítulo, intitulado *Irlanda: Nacionalismo, classe e o movimento dos trabalhadores*, Anderson se dedica à análise dos escritos de Marx sobre a Irlanda e o crescente movimento pela libertação nacional irlandesa. Além de breves menções em textos jornalísticos e correspondências com Engels, Marx começaria a explorar de maneira mais sistemática a situação social e política da Irlanda, cujas análises constaram também em textos jornalísticos publicados no *Tribune* na década de 1850. A partir de 1855, Marx passa a discutir os crescentes movimentos sociais construídos pelos trabalhadores e trabalhadoras irlandesas como consequência da Grande Fome.

³ Apoio este que não foi isento de discussões, tendo sido pautado dentro da Internacional.

É aqui que, segundo Anderson (2019), observamos a mudança do posicionamento de Marx acerca da potência do movimento social por libertação nacional na Irlanda, assim como aconteceu em relação aos demais movimentos emancipatórios de nações não ocidentais. Se antes Marx entendia ser necessário um movimento de trabalhadores e trabalhadoras organizados proveniente da Inglaterra para que a libertação irlandesa pudesse ocorrer, a partir dos textos jornalísticos de 1869 ele passa a argumentar que seria justamente através do movimento popular irlandês crescente que não somente se alcançaria a libertação da Irlanda e da classe trabalhadora irlandesa, como o mesmo também poderia atuar enquanto uma “alavanca” para o surgimento de revoluções sociais por toda a Europa – dada a agudização das contradições de classe no contexto do país.

Dessa forma, Anderson (2019) chama atenção para o fato de que, ao contrário do que ficou estabelecido por uma determinada leitura hegemônica de Marx, a pressuposição de que uma revolução social somente se alastraria pelo restante da Europa caso partisse de um contexto onde o capitalismo já se encontrava amplamente estabelecido é contraposta no curso de desenvolvimento da própria obra marxiana.

No quinto capítulo da obra, *Dos Grundrisse a O Capital: temas multilíneares*, o autor se propõe a explorar como as discussões acerca de raça, etnia, nacionalismo e sociedades não ocidentais apareceram em duas das principais obras teóricas de Marx – *O Capital* e os *Grundrisse*. Ele argumenta que não somente tais temáticas foram, de fato, contempladas nessas obras, como foram igualmente centrais para o desenvolvimento da análise empreendida por Marx no livro I de *O Capital* – fato que, segundo o autor, pode ser observado destacadamente na edição francesa de 1872-1875.

Compreendemos como Marx, ao tratar das diferentes formas comunais *primitivas* por ele estabelecidas nos próprios *Grundrisse*, analisa distintivamente o desenvolvimento histórico específico das mesmas. Ou seja: Marx realiza não mais uma análise unilinear e eurocentrada de tais formas sociais, mas, sim, uma análise dialética de seus respectivos desenvolvimentos históricos. Abordando de modo consonante a relação entre estes processos e um contexto mais amplo de expansão do capitalismo, e partindo de referenciais históricos específicos para cada uma das circunstâncias analisadas. Ao observar o desenvolvimento da acumulação primitiva na Inglaterra em *O Capital*, Marx procura justamente estabelecer um quadro explicativo para a Europa ocidental, em lugar de um horizonte único de desenvolvimento a ser seguido pelas demais regiões do globo.

Nesse ponto é importante ressaltar um dos argumentos centrais de Anderson (2019) acerca da temática de sociedades não ocidentais e não capitalistas, do modo como são pautadas no primeiro volume de *O Capital*. Na edição francesa de 1872-1875, editada pelo próprio Marx, é possível encontrar diversas correções no que tange aos temas em questão; correções estas que não aparecem na edição alemã editada por Engels e/ou em edições mais difundidas da obra. Trata-se de um detalhe

que parece reforçar uma leitura generalizada (generalizante) de Marx como um autor inerentemente etnocêntrico, em diversos sentidos.

Sexto e último capítulo da obra, em *Escritos tardios sobre sociedades não ocidentais e pré-capitalistas* Anderson (2019) explora os cadernos de citações de Marx, datados dos anos 1879-1882, que versavam sobre sociedades não ocidentais e “pré-capitalistas”. E neste ponto vale destacar a relação entre a defasagem em termos de circulação dos cadernos de citações de Marx, com os inúmeros desdobramentos de organização da obra de Marx e Engels para publicação.

O primeiro grande esforço para a organização e posterior publicação do conjunto da obra de Marx-Engels ocorreu sob o recém formado Estado Soviético, a partir do trabalho do estudioso de Marx, David Riazanov, e demais colegas. Assim, no início dos anos 1920 na União Soviética, deu-se início à primeira *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA¹). Riazanov, como diretor da primeira MEGA, recusou-se a publicar trabalhos que entendia ter ‘pouco valor teórico’. Alocados sob este escopo estavam os cadernos de citações de Marx. Nesse sentido, desde o início dos esforços de divulgação da obra marxiana, seus cadernos de estudos foram legados a segundo plano e/ou simplesmente deixados de lado.

Os escritos utilizados como fonte por Anderson (2019) no capítulo aqui explorado tratam-se, justamente, de cadernos de citação de Marx. São os chamados *Cadernos Etnológicos*, publicados pela primeira vez em 1972, por Lawrence Krader. É no conjunto de anotações realizadas nestes seus cadernos de estudos que, novamente, pode-se observar uma perspectiva amadurecida e multilinear acerca de sociedades não ocidentais.

Ao abordar os escritos posteriores de Marx sobre a Rússia, nota-se sua mudança radical de posicionamento sobre o potencial revolucionário das aldeias comunais agrárias russas, passando agora a encará-las como possível ponto de partida para uma revolução social mais ampla em toda a Europa. Logo, em lugar de argumentar a favor dos efeitos “positivos” do capitalismo, sobretudo no que concerne ao desenvolvimento tecnológico que tal ordem social poderia proporcionar, Marx destaca progressivamente e de modo consistente o potencial revolucionário de movimentos sociais autônomos de trabalhadores e trabalhadoras nos mais diferentes contextos sócio-históricos.

Estudando a obra *A Sociedade Antiga* (1877) do antropólogo Lewis Morgan, Marx demonstra ainda a preocupação em explorar diferentes fontes históricas, visando uma compreensão mais aprofundada de questões contemporâneas ao capitalismo moderno ocidental – em detrimento de pressupostos evolucionistas alinhados à ideia da necessidade de um sentido de desenvolvimento único da humanidade, por exemplo. Anderson (2019) demonstra, por fim, que com base na análise das anotações que compõem os *Cadernos Etnológicos*, podemos atestar que Marx se propunha a realizar uma análise questionadora e informada das sociedades não ocidentais por ele estudadas.

A leitura do cuidadoso trabalho bibliográfico e teórico conduzido em *Marx nas Margens* proporciona o acesso a aspectos da obra marxiana

que, de fato, comprovam o argumento central do autor: Marx não somente não era alheio às questões de raça, etnia, nacionalismo e suas intersecções com classe, como estes foram pontos centrais para o desenvolvimento do seu pensamento. Aspecto este que culminou, ao final, em uma obra ampla, coerente e multilinear, cuja complexificação em direção a um maior refinamento deu-se a partir do contato com diferentes fontes e eventos ocorridos em sociedades não ocidentais e não capitalistas. As margens aqui exploradas por Anderson (2019) possuem um duplo sentido: tratam tanto das *margens da obra* de Marx – seus cadernos de citações, cartas e textos jornalísticos – quanto das sociedades situadas *nas margens* do capitalismo ocidental, tal como aparecem na obra marxiana.

A partir do conjunto das fontes citadas por Anderson (2019), há que se reivindicar Marx como um autor cuja obra não é, de forma alguma, intrinsecamente eurocêntrica e/ou etnocêntrica; como um autor que reconhecia profundamente a centralidade de questões relacionadas à raça, etnia e nacionalidade para se compreender, na totalidade, o funcionamento do capitalismo – como uma ordem social fundamentalmente perversa e nociva ao desenvolvimento das potencialidades humanas. Sem ter de apelar a uma imagem de Marx como sendo necessariamente anticolonial ou decolonial, Anderson (2019) reitera e defende em sua obra a viabilidade concreta da elaboração de um pensamento marxista anticolonial, tomando por base fundante o pensamento marxiano.

Marx nas Margens propõe (e concretiza) uma leitura séria e comprometida da obra de Marx, contemplando as transformações e o perceptível amadurecimento em seu pensamento, nos conduzindo, por fim, a um “velho Marx” (MUSTO, 2018) que entendia o desenvolvimento de sociedades não ocidentais e não capitalistas de maneira multilinear e multifacetada. Portanto, em um sentido contrário àquele hegemonicamente estabelecido nas Ciências Sociais brasileiras, entende-se ser a obra de Marx tão pertinente quanto incontornável ao pensarmos questões contemporâneas, sobretudo no que se refere aos entrelaçamentos entre raça/etnia e nacionalidades em contextos capitalistas. O espantinho de um Marx etnocêntrico e eurocentrado não mais se sustenta após a publicação de *Marx nas Margens* – não sem ao menos buscar reconhecer e/ou estabelecer um diálogo com a obra de Kevin Anderson.

Referências bibliográficas

MUSTO, Marcello. O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883). São Paulo: Boitempo, 2018.

SAID, Edward. Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo. Companhia das Letras, 2007 [1978].

Recebido em: 24/03/2023 * Aprovado em: 27/03/2023 * Publicado em: 30/04/2023
